

Terra, Trabalho e Natureza: Produtores agrícolas no entorno de Fortaleza no século XIX

Rones da Mota Duarte

Mestrando no programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará-UFC e bolsita FUNCAP
ronesmota@hotmail.com

Introdução

A Historiografia brasileira em seus estudos sobre a vida rural, privilegiou inicialmente como objeto, as grandes propriedades agrícolas, seja ela a açucareira ou cafeeicultora, que tinham como principal força de trabalho a mão de obra escrava, cujo principal destino da produção era o mercado externo, cristalizando a idéia de que todo o território brasileiro estava condicionado a esta realidade, esquecendo assim sujeitos históricos que não se inseriam neste contexto.

Nos últimos anos, tem-se visto uma renovação nas pesquisas acerca da História da agricultura brasileira, onde tem-se buscado responder à questões do presente que não mais podem ser explicadas de forma generalizada, como tratou a historiografia tradicional, que privilegiou como objeto de estudo a grande *Plantation*, onde segundo as palavras de Hebe de Castro os “homens livres e pobres têm sido sistematicamente relegados a segundo plano, rotulados sob o signo da marginalidade” (CASTRO, 1987: 25).

Portanto o objetivo deste trabalho é buscar perceber as relações de produção de pequenos produtores agrícolas situados no entorno da cidade de Fortaleza na segunda metade do século XIX. A região deste estudo corresponde hoje às cidades de Maranguape e Caucaia onde ambas fazem parte da região metropolitana de Fortaleza

Neste estudo busca-se perceber também a relação entre cultura e natureza destes povos, pois ao pensarmos os modos de vida do homem do campo, temos que levar em consideração também a relação existente entre homem e natureza, que não pode ser vista de forma dicotomizada, como se ambas não tivessem nenhuma interação.

Ao realizarmos este exercício, de pensar a relação homem e natureza que se “moldam mutuamente” passamos a analisar relação destes em seu cotidiano de trabalho sob a ótica da história ambiental, onde esta modalidade histórica:

rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e “super-natural”, de que as conseqüências ecológicas dos feitos passados podem ser ignorados¹

Para este estudo, as fontes utilizadas serão as seguintes: Catálogo produzido pelo Estado do Ceará na exposição de Chicago (1892-1893) escrito por Thomás Pompeu de Souza Brasil, documentos de origem cartorária e código de posturas.

A produção agrícola

A ocupação do espaço cearense pelo colonizador teve início nas primeiras décadas do século XVIII. A pecuária configurou-se como a principal atividade econômica que proporcionou além da ocupação e expansão do território, a conseqüente tomada das terras indígenas pelo colonizador, pois esta atividade necessitava de terras para melhor se desenvolver, ocasionando um grande embate físico e cultural entre invasores e nativos. (PINHEIRO. In: SOUZA: 2002).

Paralelo a pecuário, desenvolveu-se uma agricultura de subsistência que garantia a sobrevivência no território.

A região que fica no entorno de Fortaleza, configurou-se como área produtora de alimentos, onde predominava a produção de alimentos utilizados no cotidiano alimentar da população e de gêneros voltados para um mercado interno, tais como os derivados da canna, café e algodão.

Em ofício enviado pela Câmara Municipal de Soure no ano de 1882 ao presidente da província podemos perceber a que tipo de produtos agrícolas “a zona deste município presta-se a plantação de sereães, mandioca, cana algodão que faz sua principal fonte de riqueza e bem assim o de laranjeiras, bananeiras, coqueiros e outros cuja produção dá somente para o consumo particular”²

¹ WORSTE, Donald. Para fazer história ambiental. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro:FGV, Vol.14, n°8, 1991.

² Fundo Câmaras Municipais. Serie: Correspondências expedidas. Soure (1879-1915) Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

O ofício em determinadas partes demonstra a clara intenção do poder público municipal de angariar recursos para incentivar a atividade agrícola. No entanto pela descrição acima, podemos perceber também aspectos da produção que se apresentava bem diversificada. No entanto podemos observar também que os produtos cultivados em sua grande maioria fazem parte do cotidiano alimentar dessa população e a produção como o próprio ofício ressalta estava voltada em sua maioria para a subsistência, com exceção de alguns produtos como o café, derivados da cana e algodão.

Analisando os inventários *post-mortem* deste período, podemos perceber a partir dos bens de raiz, a diversificação da produção como os deixados por Ângela Ferreira Braga que ficava “um sítio na serra de Gereú em terras próprias, com caza de tijolo e plantações de cafeeiros, laranjeiras e outras fruteiras”³. A mesma inventariada deixa um sítio “no distrito de Tabatinga (...) em terras próprias com plantas fruteiras.”⁴

Na escritura de compra e venda, o Tenente Zacarias D’oliveira Castro adquiria “hum sítio de terras foreiras na serra de Maranguape” com “cafeeiros, laranjeiras, coqueiros, bananeiras, e outras árvores fructeiras”.⁵

O cultivo do café aparece nos inventário dos produtores que tem terras na região serrana, pois esta paisagem era mais propicia a este cultivo devido ao clima ameno apresentado nesta área. É importante ressaltar também que na segunda metade do século XIX, houve um aumento na produção deste gênero que segundo Pedro Airton “A difusão da cultura cafeeira em serra do Ceará se deu em um contexto em que a expansão ocorria no Brasil, especialmente na segunda metade do século XIX” (LIMA, 2000: 105).

Ao analisarmos outros inventários, podemos ter uma melhor clareza acerca da afirmação sobre a diversidade de produtos agrícolas, tal como aparecem no inventário da senhora Alexandrina Maria da Conceição deixava entre seus bens de raiz “uma capoeira do anno passado plantada de algodoeira com quatrocentos passos em terra de Antonio Sebastião (?) Araújo” e “uma plantação de canna em terras de João Baptista

³ Inventário *post-mortem* de Ângela Ferreira. Pacote 1 – Processo 16 , 1868 (APEC)

⁴ Idem

⁵ Livro de notas de Maranguape. Cartório Albino, 2º ofício. (APEC)

Ferreira”⁶. A inventariada Maria Margarida (?) deixava “hum sitio no lugar serra do (?) com meia legoa de terra, com plantação de cafeeiros, laranjeiras, cannas”.⁷

Analisando os bens dos inventariados, podemos observar que a atividade agrícola não se centrava em apenas um produto, coexistindo varias culturas na mesma área ou em outras que pertencia ao mesmo proprietário. No entanto, é interessante atentar para o fato de que frequentemente aparecem em meio à produção de algodão, da cana ou café as chamadas plantas “fruteiras”, o que nos leva a reforçar a afirmativa da diversificação da pequena produção, tendo em vista garantir principalmente a sua subsistência e o excedente caso existisse seria para abastecimento do mercado interno.

Os instrumentos de trabalho, técnicas agrícolas e a transformação da paisagem.

Os instrumentos de trabalho e as técnicas agrícolas empregadas na produção permitem perceber a que nível técnico encontra-se determinada sociedade. A partir do conhecimento dos instrumentos utilizados, podemos perceber também o nível de interferências desses produtores na natureza, pois:

A aplicação das técnicas sobre os recursos naturais gera alterações na natureza e nas configurações sociais, econômicas e políticas das sociedades. Para o historiador ambiental, a consideração do repertório de técnicas, instrumentos e equipamentos que dispõem as sociedades é fundamental, por que ele é o meio pelo qual os homens obtêm sua subsistência e arrancam da natureza as matérias-primas e a energia de que necessitam. (MARTINS, p. 37, 2007)

No ano de 1893, Thomaz Pompeu de Souza Brazil, organizou o catálogo enviado para a Exposição de Chicago com os produtos cearenses. Este documento foi criado a partir da “*comissão organizadora da participação do Ceará na Exposição de Chicago, foi montado em 1892 pelo vice-presidente do Estado Benjamim de Liberato Barroso, e teve como presidente o comerciante Isaie Boris*”.(OLIVEIRA, 2005,81).

⁶ Inventário post-mortem de Alexandrina Maria da Conceição- Maranguape. Pacote 1 – Processo 15, 1867 (APEC)

⁷ Inventário post-mortem de Maranguape. Pacote 1- Processo 6, 1864. (APEC)

Neste documento o autor do texto relatava a precariedade a qual estava condicionada a agricultura e suas técnicas, onde segundo o mesmo:

Nenhum dos prodigiosos processos e das machinas admiráveis que, no velho mundo, diminuindo o trabalho humano, centuplicam o vigor da terra, é aqui conhecido e praticado; a agricultura, no Ceará, como em quasi todo imperio é ainda rudmentar; faz-se com o machado e a foice e com a enxada, esses instrumentos de devastação, com que o colono portuguez conseguiu há secculo penetrar o seio de nossas florestas.⁸

Nota-se na citação acima, que o discurso do autor está afinado com o discurso oficial da época que era o de modernização da plantio e das técnicas, visto que o mesmo havia sido contratado pelo governo para realizar o trabalho. No texto se percebe a clara intenção do poder público de angariar recursos para modernizar as técnicas na lavoura e aumentar a produtividade. Outra questão interessante de se observar é o fator de o autor chamar a atenção para as máquinas que “diminuem o trabalho humano” visto que este período as autoridades locais questionavam a questão da mão de obra que estava em número reduzido devido a grande seca ocorrida no anos finais da década 1870 ocasionou a migração de milhares de cearenses para as lavouras do Sul e para o Amazonas.

Ao analisar-mos os inventários post-mortem deste período, podemos perceber nestes documentos, aspectos da cultura material e técnica empregada descrita por Thomas Pompeu. No entanto em se tratando dos produtores agrícolas deste estudo, podemos perceber que estes instrumentos utilizados nas diversas etapas do plantio estavam em acordo com suas necessidades cotidianas.

No inventário senhor Miguel Antonio da Costa Florêncio nos bens móveis que são utilizados no plantio aparecem “treiz machados, treiz enchadas” onde o mesmo deixava “uma capoeira com plantação de café e mais arvores na serra desta Villa”.⁹ É

⁸ Revista Documentos – Revista do Arquivo Público do Ceará: Ciência e Tecnologia. Fortaleza:APEC

⁹ Inventário post-mortem de Maranguape. Pacote 1 – Processo 4 - 1863 (APEC)

interessante ressaltar que nos inventários pesquisados, pouco aparecem esse tipo de instrumento. No entanto estes eram essenciais para o cultivo.

Pedro Airton Queiroz de Lima ao estudar o café na serra de Baturité no mesmo período, verificou também a pouca presença destes nos inventários, mesmo assim estes instrumentos apareciam esporadicamente, mais “tais instrumentos estavam perfeitamente adequados às técnicas relativas ao processo de preparo do terreno e ao cultivo naquele sistema agrário. A foice para o corte das plantas mais tênues, o machado para a derrubada da mata e a enxada para a capina.” (LIMA, 2000: 124).

Não só o uso de tais instrumentos na cultura cafeeira ocasionava a alteração na paisagem local empreendida pelo homem, a própria introdução do café na região serrana causava transformações na natureza já que esta planta apesar da boa adaptação, não é típica daquela região.

O mesmo Thomaz Pompeu nos dá uma idéia de como eram as técnicas empregadas no cultivo pelos produtores onde:

De instrumento agrícolas, so conhece a foice e o machado com que abate as mattas, a enxada com que abre pequenos sulcos em que lança a semente.

Os demais trabalhos agrícolas limitam-se em preservar as plantações do gado, que pasta em liberdade, e em estirpar as gramíneas silvestres que pululam após a capina.

Irrigação rudimentaria, por meio de regos e pelo desvio da corrente dos regatos que correm permanentemente, pratica-se em alguns sítios nas serras de Maranguape e Baturité, e nos de canna do Cariry.¹⁰

A descrição acima, nos traz uma idéia de como a técnica empregada para o cultivo do solo e o plantio. Percebe-se também como estas etapas do plantio causavam alterações na paisagem. O abate das matas era a principal forma de limpar o terreno para o plantio. O rudimentar para o autor também está nos instrumentos utilizados. A foice, o machado e a enxada. No entanto, podemos perceber também que a crítica ao atraso

¹⁰ Revista Documentos. Op. cit

colocada por Thomaz Pompeu está no fato da baixa produtividade ocasionada por essas técnicas.

Outras forma de alterara a paisagem que pode ser constatada também com so desvios dos rios, afim de levar água aos locais de plantação.

Outra crítica empregada por Thomaz Pompeu que diz respeito à questão dos usos dos recursos naturais está na forma como estes são utilizados o que causa esgotamento dos mesmo e sua consequente improdutividade:

O sólo é ligeiramente esgravatado, ou cavado superficialmente para receber a semente, de modo que os saes nutritivos que se acham na superfície são depressa gastos sem se renovarem com os das camadas inferiores.(...) As terras se tornam cansadas, como vulgarmente se diz, depois de alguns annos de trabalho, e como imprestáveis são desamparadas por outras mais longínquas, que por seu turno também se esgotam. Embora a grande extensão da propriedade rural, seo roteamento vae cada anno se tornando mais restricto e despendioso, não só porque as terras de lavoura vão ficando imprestáveis pelo cansaço, como pelo afastamento das laboradas, fora das vistas do proprietário, pela necessidade de novas cercas ou vallados que as preserve das incursões do gado solto.¹¹

O uso do solo de forma predatória sem a preocupação com sua estagnação é um dos motivos apontados pela baixa produtividade ocasionada com o passar do tempo do plantio. Pedro Airton ainda em seu estudo sobre o café na serra de Baturité, aponta como um dos motivos da queda da produção do café no final do século XIX o desgaste do solo devido à forma como era utilizado, sem esta mesma preocupação com sua capacidade produtiva.¹²

Em todo o discurso de Thomaz Pompeu, podemos verificar que o mesmo mostra certa indignação com o estado de atraso segundo sua visão a que se encontra a agricultura no Ceará. As formas de plantio, as técnicas empregadas são os motivos principais para esta situação. O mesmo sugere que “um dos meios mais efficazes para

¹¹ Revista Documentos. Op. cit

¹² Lima, Op. cit

reformatar a nossa lavoura seria a criação de uma escola agrícola” para que se pudessem aprender técnicas da cultura agrícola empregadas no velho mundo.

Modos de criar e a interferência na natureza

A pecuária como foi colocado já neste trabalho, foi a atividade econômica que auxiliou na ocupação do espaço cearense pelo colonizador. Esta atividade que se disseminou por todo o território também foi causadora de transformações na paisagem local.

Ao analisarmos inventários post-mortem, podemos perceber que junto à atividade agrícola a criação de animais era sempre presente no cotidiano destes produtores.

No inventário de Antonio de Souza Marinho este deixava entre seus bens semoventes “cinco vacas paridas” “duas vacas solteiras” “hum boiote” “hum cavalo rufro” “hum cavalo castanho velho” “huma égoa parida” “huma égoa solteira” “sete cabeças de ovelha”.¹³

O senhor Antonio José Correia deixava um sítio em terras próprias com plantação de cana e algodão deixava também “seis bois manso de arado”. “dez vacas paridas”, “seis vacas solteiras”, “dez vacas paridas” “três novilhotes” “sete garrotes” “seis garrotas” “três burros” “um cavalo alazão” dez porcos grande e pequenos”.¹⁴

Nos inventários analisados, a criação de animais aparece freqüentemente como uma forte atividade realizada por esses produtores. No caso do Senhor Antonio José Correia, podemos verificar que o mesmo tinha “seis bois mansos para o arado”, o que nos leva a concluir que alguns produtores utilizavam-se dos animais para a introdução de técnicas mais sofisticadas do que as analisadas no item anterior.

A importância da criação de animais era tão grande para a economia que podemos perceber a partir das tentativas de controle e proteção desta atividade por meio do código de posturas da Vila de Soure que hoje faz parte da região deste estudo onde o poder público criou artigos tendo em vista incentivar esta atividade.

¹³ Inventário post-mortem de Antonio de Souza Marinho;1864. Pacote 1- Processo 7 (APEC)

¹⁴ Inventário post-mortem de Antonio José Correia; 1881. Pacote 2- Processo 7 (APEC)

O estudo desta documentação apresenta-se de suma importância visto que toda sociedade cria um “conjunto de regras, normas e tradições que regulam a apropriação e o uso da natureza pelo homem.” (SILVA, 1997, p.212)

O capítulo 11 do código de posturas de Soure do ano de 1883, trata da “criação de gados, política relativa a este ramo da indústria” traz em seu artigo 96 o seguinte: “são consideradas próprias para a criação de gados todas as terras do município da Villa com exceção das serras compreendidas no mesmo município.”¹⁵

Observa-se que o poder público tentava regular e incentivar a criação de animais, no entanto as serras não eram áreas destinadas a este fim. Isto se dava pelo motivo que as terras eram mais acidentadas e que esta paisagem eram mais propícias ao cultivo de plantas frutíferas além do café que como já foi colocado neste artigo se adaptou bem a esta área.

O capítulo 13 em seu artigo 118 trata da agricultura e criação de gado onde:

por ser a industria de criação de gado tão conveniente n'este município, quanto a da agricultura, aos agricultores compete:

§ = 1º - Proteger suas plantações por meio de cercas suficientes e fortes, de pão appique ou caiçara com altura com altura de 7 palmas (?) afim de prevenir o ingresso de gados ou miúdos em sua lavouras.

§- 2º= o lavrador que, não tendo suas cercas nas condições acima estabelecidas, maltratar o gado que encontrar, destruindo suas plantas, será responsável pelo dano causado para com o dono do animal destruidor.¹⁶

Analisando o código de posturas podemos perceber a atenção do poder público para com as duas atividades. Ambas eram de suma importância para a economia local. Observa-se a preocupação dos administradores em preservar tanto as plantações como a criação de animais, já que criava regra para as duas atividades, tendo em vista que uma não prejudicar a outra.

¹⁵ Código de posturas de Soure – 1883 - Correspondências expedidas -Soure – 1879-1915 (APEC)
FUNDO CÂMARAS MUNICIPAIS

¹⁶ idem

Algumas conclusões

Os produtores agrícolas situados no entorno de Fortaleza na segunda metade do século XIX, exerciam atividades agrícolas de forma ainda bastante rudimentar, tendo em sua grande maioria como instrumentos técnicos o uso de machados, foice e enxadas no cultivo.

O uso do solo era feito de forma precária onde seu esgotamento com o passar do tempo de plantio era quase inevitável, o que levou setores da sociedade a proporem até a criação de uma escola agrícola tendo em vista ensinar técnicas de plantio que gerassem mais rentabilidade para a colheita.

Como atividade paralela à agricultura existia a pecuária, que era tão importante quanto à primeira, pois ajudava a garantir a subsistência alimentar dos produtores e para alguns auxiliava na própria produção agrícola, servindo como tração para os instrumentos.

No entanto, é importante ressaltar que mesmo com as formas rudimentares das técnicas empregadas, estes sujeitos históricos interferiram na paisagem local seja com a introdução de novas plantas como o café, ou mesmo na derrubada de árvores para limpeza do terreno e outro plantio.

Conhecer mais acerca dos modos de vida e as formas de trabalho destes homens pobres e livres é de suma importância para a historiografia brasileira, visto que estes sujeitos responsáveis pela transformação na paisagem local, principalmente nas regiões onde a mão de obra escrava não teve um papel tão importante na economia como foi o caso do Ceará.

Fontes Consultadas

Código de Posturas de Soure – 1883- Fundo Câmaras Municipais-Serie Correspondências Expedidas. Local: Soure (1879-1915) (APEC)

Inventários post-mortem de Maranguape Pacote 1 e 2.(APEC)

Livro de notas de Maranguape. Cartório Albino, 2º ofício (APEC)

Revista Documentos – Revista do Arquivo Público do Ceará: Ciência e Tecnologia. Fortaleza:APEC, v. 1-2005.

Bibliografia

CASTRO, Hebe Maria Matos de. **Ao Sul da História:** Lavradores pobres na crise do trabalho escravo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 8, 1991.

FRAGOSO, João Luis. O Império escravista e a República dos Plantadores: Economia brasileira no século XIX: Mais do que uma plantations escravista –exportadora. In: LINHARES, Maria Yadda(Org.). **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. 4ª ed. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1997.

LIMA, Pedro Airton de Queiroz. **A sombra das ingazeiras:** o café na serra de Baturité 1850-1900. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, 2000 (IFCS).

MARTINS, Marco Lobato. **História e meio ambiente**. São Paulo: Annablume; Faculdade Pedro Leopoldo, 2007.

_____. História e meio ambiente. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana(org.). **Saberes ambientais:** desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Humanitas

MARTINEZ. Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil:** pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

PÁDUA, José Augusto. Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista. (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PINHEIRO, Francisco José. Mundo em confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In: SOUZA, Simone. **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SCHWARTZ, Alf. **Lógica do desenvolvimento do estado e lógica camponesa**. Tempo social. Revista de sociologia USP. São Paulo, 75-114, 1º semestre de 1990.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. História das paisagens. In: CARDOSO, Ciro Flamareon; VAINFAS, Ronaldo(Orgs). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro. FGV, vol. 14, nº 8, 1991.